



Loizinho de Martins Parmentier

Guimarães

O Zezista



Director e Editor,
AMÉRICO ALVES FERREIRA

Quinzenário Humorístico - Literário

Secretário da Redacção,
AURÉLIO BARROS MARTINS

Redacção e Admin.: Rua do Espírito Santo, 16 — GUIMARÃES || Comp. e impr. na Tip. do «Notícias de Fafe»: Rua Mgr. — FAFE

Aparia-se desconsolada... a cidade que esperava junta...

Conta A. Vieira num dos seus sermões que, antigamente, na república hebréa (e em muitas outras) os tribunais e os ministros estavam ás portas da cidade.

E pergunta: «Mas que razão tiveram aquêles legisladores para situarem êste lugar aos tribunais, e para pôrem ás portas da cidade os seus ministros? Várias razões apontam os historiadores e políticos; mas, a principal, em que todos convêm, era a brevidade do despacho.

—Ora, muito embora isto já ultrapassasse as *calendas grêgas*, e seja de todo irrealisável, a verdade é que seria de ótimos resultados nêstes tempos de ventos favónios que vão correndo, criando-nos sem custo algum um progresso que, por máu séstro, por ruim sina, não chega a transpôr os umbrais de qualquer das barreiras da cidade.

Uns, por descarga de consciência, batem; outros não se atrevem a bater; «todos a esperar, e todos a desesperar».

E senão, vejamos: os correspondentes dos grandes diários, em magna solicitude, põem em lêtra de forma as espalhafatosas deliberações dos nossos êdis, promissoras de mundos e fundos para a nossa terra, quási rebenfando a gente de espanto, por vêr que é chegada a hora de aperriarmos o retrocesso, de lhe fazermos pirraças e negaças—a hora do despacho se não dos cidadãos, pelo menos dos lavradores e dos estrangeiros que de

Coisas desagradáveis

—Estar indivíduo a descansar, árvores deitar sombra sobre êle, vir passarinho a saltar, a saltar, e, ás tantas, tombar de cima pingo morno, côr de ervilha com ovos...

Já te matei, ó máscara!



Voici, monsieur Lerdeira!

Des grandes choses il a fait...

Viu Paris e a Europa inteira,

Só não viu o "gran-complet".

Aparia-se desconsolada... a cidade que esperava junta...

há muito reivindicam pretensões que são de toda a justiça deferir.

Espera que espera, as portas continuam trancadas, e vá de mastigar uma vez mais as deliberações camarárias: «conclusão do parque á volta do Castelo, pavimentação a paralelepípedos e asfalto das ruas e largos cidadãos, estradas vicinais, saneamento, fontes para as freguesias, escolas «28 de Maio», etc., etc., etc...».

«Mas, então, porque não tem despacho semelhante enxurrada de deliberações?»

Expliquemos: os nossos êdis encerraram-se nas suas *torres ebúrneas*, à laia de redoma, e quando lhes sopram aos ouvidos que aguardam ás portas da cidade os requerentes que vêem pedir «isto» e «aquilo», mandam dizer pelos criados como aquêle outro *patrão* da anedocta, uma vez que são interrogados sobre a hora da volta.

—Quando meu amo manda dizer que já saiu, ninguém pode adivinhar a que horas voltará.

Apesar de encargo pesado, para individuo dêste jaez bem aplicado seria um decreto, com força de lei, mandando-os, não para as portas, mas para fóra de portas.

Ao menos, nem despachavam nem deixavam de entrar o despacho—tudo se faria sem a tal coisa a que chamam *verdictum*.

Coisas desagradáveis

—Entrar uma pessoa no baraco da rua Gil Vicente, achar-se aflito, dançar o *charlston*, deitar a fugir, com duas grosas de pulgas antropogafas agarradas ás cuecas...

Atenção

Cada exemplar d'este periódico custa \$50 centavos motivado pela gravura que publicamos. V. Ex.^{ma} compreendem perfeitamente, que um jornal na provincia fica relativamente caro, e a tiragem d'este é muito diminuta, em virtude das poucas assinaturas que tem.

Porém, seria dever de todo o bom vimaranense assinar este modesto quinzenário, pois a nossa ideia, quando o lançamos em público, foi defender os interesses da nossa terra pelo humorismo, o que estamos a tentar, procurando dar-lhe a graça que os nossos espíritos jovens possam oferecer.

Acreditamos na vossa simpatia por este grupo de môços que já têm dado sobejas provas do seu bairrismo.

Soltamos um muito obrigado, d'este pequeno e humilde reduto em que nos entrincheiramos.

A REDACÇÃO.



Coisas dignas de serem vistas
em Guimarães:

O Teatro Gil Vicente, em noites de cinema, com fitas do «José do Telhado», onde é tudo natural, desde a bilheteira até á exhibição do film, exhibição e realisação. O melhor teatro até hoje construído em todo o país. Conforto incomparável e boa música... de *conserva* acompanhada a grandes palavras pela geral.

—Os réclames luminosos na Praça de D. Afonso Henriques, com mais tempo de intermitencia do que de luz.

—A permanente «procissão das velas» da rua 31 de Janeiro, sobre as portas duma casa de fazendas ali existente.

—Os passeios da rua 31 de Janeiro em imitação de *favo de vés-pa*, última criação da actual Comissão Administrativa da Câmara.

—O ajardinamento do secadouro de S. Francisco.

Especialidades dos componentes
do «Grupo Zezista»
apanhados num instantâneo

O AMÉRICO FERREIRA

«Esta fotografia está esplendida dá bem uma ampliação. Esta apanhou pouca luz; esta ficou mal focada».

—Mas olha, ouve lá ó Tomaz!
—Não posso agora porque estou aqui a dar umas explicações duma máquina, e vou já dar um ensaio duma peça de teatro.

Bravo seu director do «Zezista».

O CHICO DAS «NOVIDADES»

«A Conklin-Endura é a melhor caneta do mundo, pois se ela é D, En-Dura Perpétua... Qualquer dia abro uma filial nas Taipas».

E ficamos arrumados.

O AURÉLIO FERRA

«Como amator da arte de Talma faço vêr.

Por coisas da minha terra já estou farto de sofrer. Mas tenho-lhe tanto amôr, embóra ela seja bôa madrastra.

Eu estou sempre na vanguarda, sou sempre o mesmo».

Lá isso é verdade, casca-lhe.

O JOÃO DIAS

«Esta micarada da minha terra tem de se esganar por uma vêz, anda-me sempre a encomodar».

E' remédio radical.

O RODRIGO ABREU

«O que se queria éra a Penha desenvolvida, isto é, com todas as comodidades para se poder comer um bom jantar e dar-se um pouco á perna: Disso gosto».

Tambem eu.

O EDMUNDO RIBEIRO

«Não estou para vos aturar, tenho mais que fazer, a cantiga agora é outra».

Isso sei eu.

O REINALDO RORIZ

«Cá vou meus velhos com o realejo; o meu fadário é este... aturá-los, aturá-los... bufas e mais bufas».

Bufa, mas de vagar.

O ANTONIO SILVA

«Isto de bacalhaus, e marmeladas, já não dá nada, vou mas é p'rá China».

Fazes tu muito bem.

O MANUEL DE CASTRO

«Vou recolher-me ao socego, não estou mais para aturar a rapaziada; isto afinal só dá desgostos».

—Aquela rapariga que acolá vai parece que não é má de todo, hein!?

P'ra isso ainda és rapaz, não Manoel?

O FERNANDO SETAS

«Eu cá sou o rapaz mais bonito presentemente em Guimarães, mas... não estou para me ralar com amores. Era só eu querer».

Mas é verdade—ora o Flávio...

O LUÍS CARVALHO

«Na minha casa faço vêr; é aonde veste a elegância masculina da minha terra. A casa com gravatas e meias f... de Escócia, é bem frequentada».

Basta lá trem os Zés. O' Luiz agora não te faças frade!

O HERCULANO MATOS

«Fiz-me amator fotográfico mas já estou aborrecido. Não me faças rir mais que já estou a chorar».

Não chores mais filho, fizeste um papelão na Espadelada.

O' Santa e quando tu caçavas o leo-pardo e mai-lo croco-dilo na Africa!? Apanhavas cada... Mica!?!...

O ANTONIO FERRA

«Agora velhos, adeus juventude, eu já não sou o mesmo, estou transformado, marquei, paguei bem o tributo, agora adeus».

Até logo, mas não te faças tão velho.

O FILIPE COELHO

«Isto é uma corja, vai tudo numa vassourada, súcia de estúpidos».

No seu prólogo. «Os dois patrões» estas palavras são ditas pelo negociante da antiga-escola... e o da moderna chega-lhe bem.

JOÃO FERNANDES

«Já tive um *side-cars* mas... perfiro um automóvel».

—O' velho, aquele da minha adega é de estalar, hein?

«Esta vida são dois dias, trabalhe-se mas gose-se».

Assim é que é, zumba, na barra da saia, olé!

MANUEL DE FREITAS

«A minha vida é esta. Sou como um judeu errante, sempre andar... Ainda, ultimamente, fui ás ilhas. Vi aquilo tudo. A Madeira é uma beleza de hortaliça; e há por lá cada tronchuda... E Sevilla? As hespanholas... eh, pá...».

Gosa enquanto és novo, mas tem cautela.

FRANCISCO CORREIA

«Esta noite descobri um furo... Ele há tanta coisa por esta nossa terra. Eu estou bem enfarinhado nestes assuntos, e, se os fosse a relatar, o que para aí não seria. A mim, ninguém é capaz de me caçar com a boca na botija».

Sempre me saíste um pássaro.

Grande fenómeno

Segundo informações agora recebidas de S. Torcato, sabemos que o povo daquela freguesia se acha bastante alarmado pelo facto de a torre, que foi acabada à cerca de 2 anos, ter crescido consideravelmente, pois já atingiu uma altura superior á da sua irmã de um metro e tal.

¿Que adufos ou artes usaria a irmandade ou quem de direito para conseguir tal fim?

JOAQUIM CÉSAR

«A arte de Talma, enleva-me, arrebatam-me... O figurão que eu fiz nos «Velhos»! Chaby é o melhor actor-cómico. Depois, o Procópio. E para circo de cavalinhos, o Nascimento Fernandes, Tableau. O pior é a minha doença e conta-corrente. Meia volta, rés-vés».

Pois, claro. A conta-corrente é o pior, mas chega para certas viagens».

ANIBAL D. PEREIRA

«Caril, gindungu... ah... ah... ha... E' comida de estalo para quem teve hotel em A'frica. Em Portugal, em noites de ceia de despedida, só gramo os bêbados que me veem tocar para a porta; os bêbados e a Sociedade de Defesa».

E a Câmara, não?

ANTÓNIO FERREIRA

—Já fui negociante. Hoje sou um simples caixeiro viajante e não estou zangado por isso.

Deixemo-nos de responsabilidades.

Quando um dia isto estiver... bom, então falaremos. Na Associação Artística marquei, como presidente. Na Associação dos Empregados do Comércio, tambem. E no «Pro-Vimaranense», fiz o que pude... já vêem que estou apto.

O' Ferreira e quando tu aturavas o Sete-Sopas!? Ao menos pagava regularmente essas massadas, e não custa aturá-los quando assim é.

TENENTE ARTUR R. DANTAS

Em Viana.

DOMINGOS R. ANDRÉ

Em Lisboa.

CIPRIANO BAPTISTA

e BERNARDINO MACHADO

No Rio de Janeiro

ANTÓNIO ALMEIDA

Na Africa.

AUSENTES

Pois que direis de vós?

Cá os Zezistas continuam fixos, mandam-vos muitas... saudações e que seiais sempre os mesmos Zés, impondo o vosso valôr, em qualquer parte do globo.

Zé Biográfico

Pela Policia

Para mais descanso dos nossos sete policias—que coitados, ultimamente teem andado em bolandas com o serviço... de Braga—, foi alterado o código de posturas até agora em vigor.

Assim, em virtude da alteração introduzida, já podem ser pregadas taboetas de cinema em cima dos passeios, principalmente, na Praça de D. Afonso Henriques, sem que a policia tenha de aplicar multas ou de intervir com os seus «não admito discutimentos», o que bom foi, porque... o trabalho para o bom cumprimento do código, como até aqui era feito, requeria um grande esforço.



Um protesto

Consta que foi ultimamente apresentado um protesto ao nosso querido amigo e ilustre vimaranense, sr. José de Pina, pelo patrono dos chauffeurs, S. Cristóvão, pelo motivo de o quererem pôr na Penha de saias, quando é certo que ele deseja antes umas «calças» por causa do vento que corre naquelas alturas.

Sempre tem cada uma este brêgeiro!...



Inigma resolvido

Diz o «Pró-Vimaranense» no seu n.º 7 de 20 do corrente, na sua local vida cara «que a carne baixou \$40 (quarenta centavos) em julho».

Segundo informações que fomos obter, é falso o preço da carne ter baixado, mas sim o dos chiches.

Esses, sim, é que baixaram e muito pela enorme crise que atravessa a nossa indústria de... pens.



ADIVINHAS

III

Qual é a maneira de um velho se tornar moço?

IV

Capinha sobre capinha,
Capinha do mesmo pano,
Se tu não disséres agora,
Não adivinhas nem num ano...

da R.

Decifrações: 1.º Uma minhoca;
Abelha, o mel e a cera,

CONVITE



R. I. P.

D. Festas Gualterianas

(Mais conhecida por Festas da Cidade)

FALECEU

Após longa agonia e confortadilha de todo, acaba de falecer a Ex.^{ma} Snr.^a D. Festas Gualterianas que, desde há anos, vinha sofrendo muito da sua saúde.

O salão nobre da Associação Comercial foi armado em câmara ardente aonde o seu corpo ficará em repouso até ao próximo dia 3 de Agosto, dia em que será feito o seu entêro.

Por esse motivo não se realiza a feira nesse dia, não haverá música, iluminações e foguetes como era de costume.

A Comissão encarregada de tratar do entêro convida as forças vivas e mortas da cidade para assistir ao seu funeral que se realiza no dia acima indicado pelas 11 horas no Largo da República do Brazil.—Paz á sua alma.

O Zezista envia nesta hora dolorosa, o seu cartão de profundo pesar á familia anojada e em especial ao nosso presado amigo Ex.^{mo} Snr. J. R. Loureiro, que muitos anos lhe serviu de pai adoptivo.



Resposta de Thiers

Um deputado da esquerda da câmara perguntou a Thiers, uma das agitadas sessões que se seguiram á queda de Napoleão III na guerra de 1870:

—Não receia que se o duque de Sumale chega a ser presidente da república siga os passos do príncipe Luís Napoleão?

Thiers respondeu sorrindo:
—O caso não é inteiramente igual. O príncipe Napoleão era sobrinho de seu tio, ao passo que o duque de Sumale é o tio de seu sobrinho.

A quinze dias... sem vista

Meu amigo:

Na minha última carta—que julgo ter-te dispôsto bem «para a vida e para a morte»—dizia eu que se morre de tudo e por tudo.

E, em verdade, há até quem morra... por valsas. Há até quem morra... por a «Morte», aquela morena que tu conheces e que no dizer de certo maduro é émula em beleza da Samaritana—da Samaritana que eu não conheci mas que segundo consta era a mais bonita cachopa que lá por o Oriente viveu matando sêdes. Matando sêdes e provocando cócegas aos maduros patricios seus...

E já que se fala em cócegas... —Foste á Penha em noite de S. João?! E que tal a função, gostaste?! Dizem que até o Pio IX gostou. E que o santo Elias nem pregára olho nessa noite...

Enfim: o S. João, este ano, meteu... de tudo. Até meteu... água. Água e vento frêsko. Tam frêsko e tam forte que até... apagára a iluminação, na serra. Na serra, e na cidade—que, ás tantas da noite, era um paraíso... de sombra. (Quere dizer: dava assim a ideia de que o S. Pedro, querendo pregar ao colega uma partida, se introduzira nas cábinas, e...).

Sem mais, por hoje.

Jaime Ortigal.



S. Cristóvão na Penha

E' grande o entusiasmo que corre pela nossa briosa classe do volante, para dar brilhantismo ás festas do seu Patrono—o S. Cristóvão—a realizar na Penha.

Soubemos por linhas travessas que um dos números que mais brilho vai imprimir a este grandioso festejo (não falando já na corrida da rampa), serão, sem dúvida alguma, os «bailados russos» e «escandinavos» pelo insigue mestre do volante e nosso presado amigo, Manuel Vaz, acompanhado á viola e á guitarra pelos virtuosos professores Xico Mourão e José, que entende desta arte.

Bravo, rapaziada! E' assim mesmo que se trabalha pela nossa linda estância da Penha.

Parabens!



Este número foi disado pela Comissão de Censura

Festas do S. João

Foram imponentísimas as que se realizaram na Penha, tendo o S. João, de Braga, ficado a apitar, pois o nosso deu as orvalhadas mais cedo, o que pode desde já ser considerado um milagre.

As iluminações, deslumbrantísimas, produzindo o duplo efeito de adôrno e de fogo prêso.

O fogo do ar, do excelente piro-técnico el-Careca, ultrapassou quaisquer «bichas de rabusco», tendo sido pena que o nevoeiro não deixasse produzir aquêlê efeito surpreendente que o fogo dêste calibre costuma dar.

O concêrto de música terminou pela retumbante vitória da banda das Taipas, que executou um reportório cheio... de fífias e de solos de cópofonia.

A cascata, espantou o «lavrante», com todos aquêles movimentos... acelerados, repuxos e fôrça de musgo.

O S. Cristóvão, tal e qual um cisne, apanhou uma pneumonia, por lhe têr posto dois policias de papel a guardá-lo.

Os ranchos, animadísimos, com apalpadelas e tudo.

Precações, só aconteceu um ao nosso director que andou até á 12 hora da madrugada á procura das «sopeiras» que perdêra, e do merendeiro, tendo-se visto na necessidade de passar uma fome de fazer cair a espinhela.

A' Comissão, os snrs. A. Dias e Conde de Penela, os nossos sinceríssimos parabens.



Quem quizer dar uma prova De ser ilustre e bairrista Deve assinar sem demora O humorístico «Zezista».



Melhoramentos locais

Ultimamente foi criado, nesta cidade, uma casa de regeneração para o sexo masculino.

Eis, enfim, realisada uma das muitas aspirações dos vimaranenses.

Os nossos parabens ao snr. J.º Guimarães, por ter tomado a iniciativa de tão importante melhoramento.

Pena é que S. Ex.^a traga as crianças (algumas bem crescidas) na hora do recreio para a porta da rua, onde os entretêm a mostrar-lhes os cartazes das fitas do cinema.

A séde desta casa de regeneração ficou provisóriamente instalada, no prédio entre a Papelaria e o Café Oriental.

De Passagem...

Quvi este diálogo que vou relatar, e o qual creio digno de ser transportado para as colunas do "Zezista".

—Oh! minha senhora como vai V. Ex.ª?

—O! Snr. Barboza como passa? Cumprimentos do estilo etc.;

E' verdade, constou-me que o snr. Barbosa ia casar!

—Não minha senhora: isto já não péga, sou uma cara muito feia, e as mulheres, aquela a quem a gente mais ou menos pretende, andam com os olhos abertos.

—Ora não se esteja a lastimar.

V. é por que não quer, senão não faltaria talvez quem lhe agradasse e fosse retribuído nas suas afeições.

—Pois sim, sim um dia tentarei.

—Tente, tente snr. Barbosa e verá que...

—Agora mudando de conversa...

Quvi dizer que Guimarães vai sofrer grande transformação, vai ter grandes melhoramentos, grandes obras—?

—Obras, obras, minha senhora, não vejo nada; o que sei é que pagamos as nossas contribuições, não é verdade? Que damos o corpo ao manifesto, não é? E... nada.

—Ouço falar na construção dum novo teatro?

—Sim realmente a planta que já está crescadinha (chama-se-lhe antes dos projectos) esteve em exposição, mas dahi até o ser construído, á realidade dessa aspiração dos vimaranenses, vai muito longe.

—Pois meu caro snr. Barbosa, vê-se que a questão é de notas.

—Notas e mais notas... só se fôr de musica. Isto já está tudo notadinho. Para Guimarães era necessário um novo A. e M. para vêr se assim se agia, se marchava, tornando esta nossa terra mais moderna, mais linda, mais civilizada.

—Olhe que isto está muito máu. O snr. não vê o que para ahí vai? Isto está uma desgraça!... Toda a gente deixa de pagar o que deve, os capitalistas fecham-se com a massa (não qu'ele é sangue)...

—Olhe, minha senhora; a questão é de saber fazer as coisas bem feitas. A senhora vê que muitas das grandes fortunas têm... maus princípios—ganhinho custa muito. Mas que custava a esses capitalistas—cada um na sua força já se vê—dar aquilo que pudessem? Cada um, dando o que têm não é mais obrigado. A senhora sabe que na nossa terra há muita massa, mas está em meia dúzia de mãos.

OS SINOS

De Gabriel D'Annuncio

Duma persão franceza — por L. Coelho

(Continuação)

Quando o sereno céu beijava a campina florida, quando o Adriático se matizava do rasto do sôl tornando alaranjadas as vélas das embarcações, quando as ruas grulhavam para o trabalho, êle permanecia na sineira, como um falção selvagem, sem saber que fazer, o ouvido colado ao flanco da sua *Lôba*, da besta terrível e soberba que uma tarde lhe havia rachado a testa; e, de momentos a momentos, tocava-a com os nós dos dedos para lhe beber com sofreguidão as longas e deliciosas vibrações.

Perto de si, a *Cantadeira* reluzia como uma joia sobrepujando num vestido de arabescos e algarismos, com a imagem de St.º António em relêvo; mais longe, a *Coruja* mostrava o seu ventre gasto, sulcado a todo o comprimento por uma fenda, e com os seus rebordos dentados.

Quantas cogitações sôbre êstes três sinos, que de vaguejar de sonhos bizarros, quantos vãos líricos de paixão e de desejos!

E como ela era bela e gentil, a imagem de Zolfina, emergindo nêste mar de ondas sonóras aos meios-dias inflamados ou nos crepúsculos desmaiados, então que a *Lôba* tomava um tom de lassa melancolia e afrouxava o seu tímido até morrer de languidês.

Foi numa tarde de Abril que eles se encontravam no prado, atraz das Nogueiras da *Proprietária*, sôb um céu d'opala ao zenith, com manchas violáceas de pôr do sôl.

Ela cantarolava a um tempo que ia cegando erva para a vaca prenha. O odor da Primavera subia-lhe á cabeça, provocando-lhe uma como que vertigem, tal e qual o môsto em outubro. Ao agachar-se, sentia o roçar do saiote na carne nua, ligeiramente, como numa carícia; e êste prazer lhe fazia semi-cerrar os olhos.

Biasce avançara bamboleante, as mãos atrás das costas amarfalhando a gôrra, e na orelha um punhado de cravos.

Não se considerava máu rapaz, o Biasce; com os seus grandes olhos, negros, cheios duma tristeza selvagem, inundados duma expêcie de nostalgia, olhos que lembravam os de animais em prisão; e, depois, tinha na voz um encanto, alguma coisa de profundo que não parecia humano; não conhecia nem modulações, nem flexibilidades,

nem morbidez: lá no alto, em companhia dos seus queridos sinos, respirando o ar puro, bafejado pela luz radiosa, na grande solidão, a linguagem que aprendera era cheia de sonoridades, de notas metálicas, d'asperezas imprevistas, de profundezas guturais.

—Que fazes tu, Zolfina?

—Eu colho o feno para a vaca do pai Miguel: eis o que faço! respondeu a loira rapariga que, ofegante, continuava curvada para a terra a apanhar a erva.

—O' Zolfina, não sentes êste perfume tão bom? Eu estive no alto do campanário; olhava os barcos que vogavam ao sabor do vento d'oriente; quando passaste em baixo, a cantar... tu cantavas a *Flôr da relva*.

Ela parou do seu labôr, porque sentiu que tinha um nó na garganta. Calaram-se os dois, e puzeram-se a escutar o enorme ruído das nogueiras e o sussurro longínquo do mar.

Biasce, muito pálido, acabou por se curvar também, pretendendo ajudá-la, mas, postados nesta frescura vegetal bastante afrodisiaca, as suas mãos, nervosas, principiaram de agarrar com avidez as mãos de Zolfina, que ficou mais vermelha que cereja.

—Queres que te ajude?—perguntou-lhe bruscamente.

Amorosos, dois grandes lagartos atravessaram o prado como flechas e desapareceram na sebe das marrecas.

Biasce, agarrou-a pelas pulsos.

—Deixa-me! murmurou com voz desfalecida a pobre rapariga. Deixa-me, Biasce!

Mas pouco resistiu, porquanto deixou-se encostar ao peito do môço, deixou-se abraçar e rendeu-se aos seus beijos: "Não! Não!" e oferecia-lhe os lábios, dois lábios vermelhos e húmidos como bagos de pilriteiro.

Continúa

GRALHAS

Na entrevista com o rei-prêto e na *Gazetilha*, algumas irritaram o indígena, entre as quais destacaremos, *confiar* em vez de "cofiar" e *qualquer maledicencias* em lugar de "quaisquer maledicencias".

De Passagem...

E os nossos capitalistas—a maior parte deles querem colocá-lo a muitos por cento. E dá ás vezes o resultado de ficarem sem ele, apesar de ser colocado em boas... mãos.

—E' bem feito, bem feito, são uns usurários. Isto até faz nervos a nós, mulheres. Aqui á falta de gosto, falta de bairrismo, falta de união, falta de escrúpulos e também falta de policia e muitas faltas, que não estou agora para enumerar.

—Oh!?! C'um raio; tantas faltas juntas até ficamos asfaltados.

—Veio a propósito essa palavra; asfaltado precisavam de ser mas eram estas ruas; isto é uma porcária, até os escrivães da pena grande, varrem sem regar, e a qualquer hora, fazendo-nos ingerir uma quantidade enorme de micróbios que nos afetam os brônquios, os pulmões, etc.; Depois lá vem a terrível tuberculose. Num país como o nosso, onde os tuberculosos acabam por ahí, como eu há tempos vi um pobre engraxador, a deitar golfadas de sangue pela bôca, por essas ruas fóra; imagine pois de secar, aquêles micróbios espalhados!

Isto não pode ser. A miséria é muita. Há casas que são verdadeiras pocilgas, sem hygiene, sem ar, sem luz; uma miséria enfim. E' necessário que o snr. Sub-Delegado de Saúde, olhe melhor por isto.

—A senhora tem muita razão, mas... isto já está olhado por os... olheiros, ele é cada Olhão!...

—Para terminar que não me posso demorar mais. Dizem que há agora um jornal novo o "Zezista", humorístico? bom é que êle se aguenta, e o que eles deviam fazer éra dar-lhes muita bordoadas, levando-os pr'ó... ridiculo, porque isto, francamente, está a pedir muita... vassoura. *Limpeza... limpeza!*...

—Oh! minha senhora; limpos das algibeiras andamos nós todos os... depe... nadinhos.

—Bem, bem; adeus snr. Barbosa, e desculpe o tempo que lhe fiz perder. E' que eu sou... uma mulher muito bairrista.

—Adeus minha, senhora; e faça recomendações á... prima.—Então adeusinho, que é mais docinho, e o snr. Barbosa não se esqueça d'ir... por lá e contar-me as novidades que vão por esta minha amada e infeliz terra. D'aquí a quinze dias devemos encontrar-nos novamente. Adeus.

E... foram-se...

ZÉ TOMÉ.